

# DIVERSIDADE

*“Se apenas houvesse uma única verdade, não se poderia pintar cem telas sobre o mesmo tema.”*

*Pablo Picasso*

O Modernismo libertou a arte da necessidade de representação da realidade. A partir do final do século XIX, abriu-se um leque de opções para investigar. Deformar a figura, ousar nas cores, recortar a composição e o que mais a intenção do artista desejasse experimentar. Uma dose de emoção e outra de reflexão. Foi mais ou menos assim que surgiram o Cubismo, o Expressionismo, o Surrealismo e outros “ismos”, tornando a arte ainda mais complexa e variada, mais plural.

Cézanne, Picasso, Munch, Tarsila do Amaral, Ismael Nery, Salvador Dalí... Ao longo do tempo, uma sucessão de artistas inaugurou novas identidades visuais. Graças à experimentação dos grandes mestres, hoje temos uma série de estilos para contemplar, admirar, decifrar. Os brasileiros Ramiro Cerqueira, Marcos Anthony e Renan Florindo, por exemplo, escolheram trajetórias opostas. Entretanto, compartilham ideias e sentimentos acerca das reações humanas na contemporaneidade. Observando a exposição “Diversidade”, no Passo das Artes, é possível estabelecer conexões entre a linguagem visual de cada um em sua singularidade.

**Ramiro Cerqueira** fez do ferro e do bronze suas matérias-primas para dar forma plástica aos sentimentos humanos. Figuras esguias e sintetizadas

projetam no ar movimentos que fundem peso e leveza, numa dicotomia que traduz as dúvidas com as quais temos que lidar no cotidiano em busca da completude, da felicidade.

**Marcos Anthony** escolheu a pintura em tela para estudar a “alma” das pessoas, o seu interior. Planificando e multifacetando as figuras, ele cria retratos que, de forma sensível, falam do eu e do outro. As cores fortes se encontram e se perdem entre as linhas geometrizadas, como metáforas dos desencontros que afligem a humanidade e nós mesmos em tantas instâncias da vida.

**Renan Florindo** une ciência e arte, sintetizando as emoções humanas em corações que crescem, enraízam e florescem. As esculturas, em técnica mista, resumem a essência da vida, da necessidade de renovação, de constante transformação, de renascimento.

Afetos, desencontros, refúgio, crescimento. Independentemente do estilo ou da técnica, os três artistas apresentados conseguem provocar, no espectador, reflexões sobre os rumos da vida cotidiana; sobre as escolhas pessoais e suas circunstâncias. Ao apreciar a exposição, permita-se se aventurar por caminhos menos seguros, com algumas incertezas. Experiências assim costumam impulsionar mudanças transformadoras em nossa forma de pensar o mundo, a vida e a própria arte.

Amanda Lopes

Agosto/2019